

# involução

max brooks

Tradução de Rui Azeredo

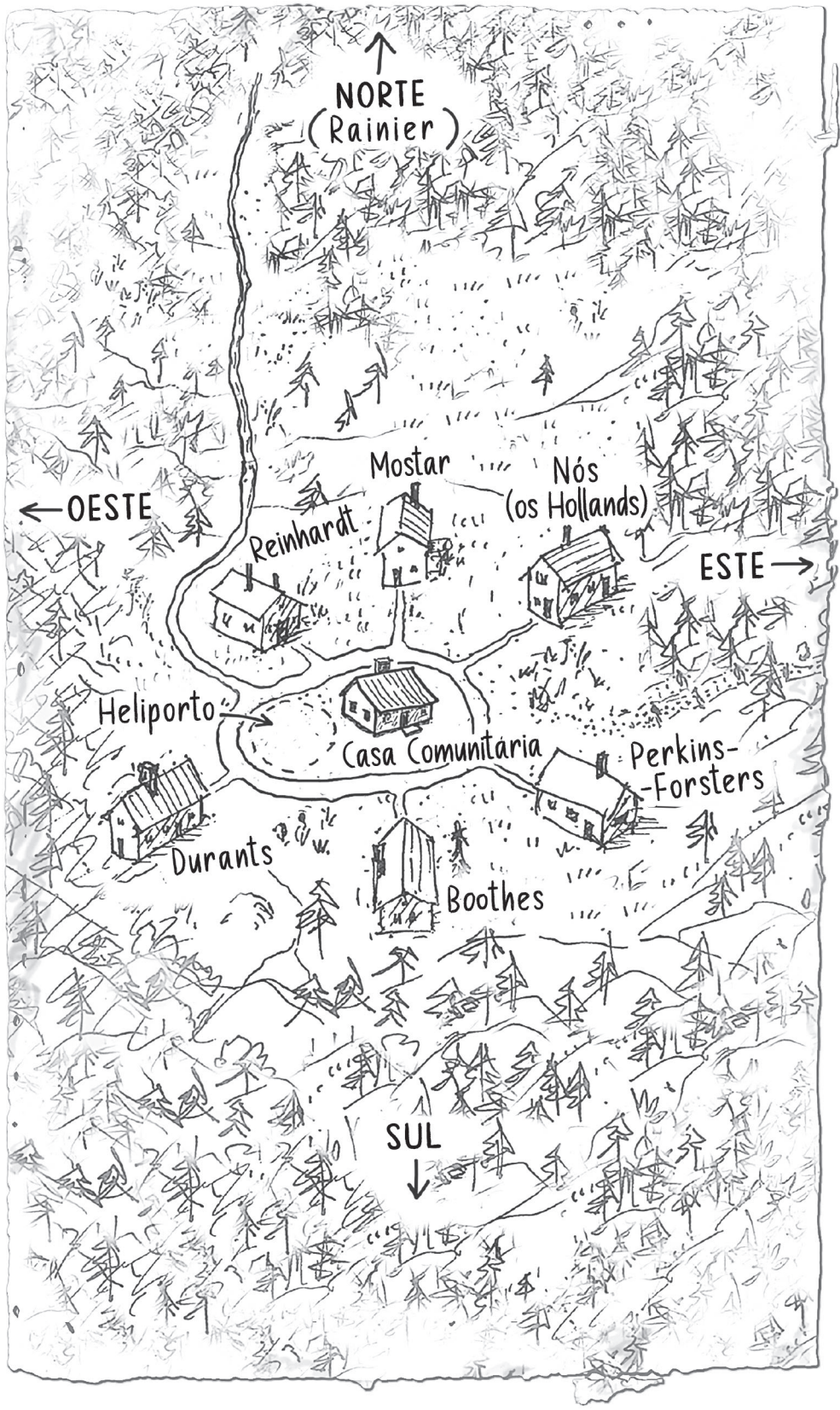


**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para Henry Michael Brooks:  
Que domines todos os teus medos.

*Que feio animal o macaco, e tão parecido connosco.*

— MARCO TÚLIO CÍCERO



# Introdução



**BIGFOOT<sup>1</sup> DESTRÓI CIDADE.** Era este o título de um artigo que recebi pouco depois da erupção do Monte Rainier. Pensei que fosse *spam*, o resultado inevitável de tanta pesquisa *online*. Na altura, eu estava a terminar o que deveria ser o meu centésimo artigo de opinião sobre o Rainier, analisando todas as facetas do que deveria ter sido uma calamidade previsível e evitável. Tal como o resto do país, necessitava de factos, não de sensacionalismo. Manter os pés bem assentes na terra fora o foco de tantos artigos de opinião, porque de todos os falhanços humanos do Rainier — políticos, económicos, logísticos —, foi o aspeto psicológico, a histeria exageradamente alimentada, que acabou por provocar a morte à maioria das pessoas. E aqui estava de novo, precisamente no ecrã do meu portátil: **BIGFOOT DESTRÓI CIDADE.**

*Esquece lá isso, disse a mim próprio, o mundo não vai mudar de um dia para o outro. Inspira fundo, apaga e segue em frente.*

E quase assim fiz. Exceto por uma palavra.

«Bigfoot.»

O artigo, publicado num *website* obscuro de criptozoologia, alegava que enquanto o resto do país estava focado na ira do Rainier, um desastre mais pequeno, mas não menos sangrento, ocorria a poucos quilómetros na isolada ecocomunidade de ponta e de alta tecnologia de Greenloop. O autor do artigo, Frank McCray, descreveu como a erupção não só impediu o resgate de Greenloop como também a deixou vulnerável a um bando de criaturas simiescas esfaimadas que também fugiam da mesma catástrofe.

Os pormenores do cerco foram registados no diário da residente de Greenloop, Kate Holland, irmã de Frank McCray.

«Nunca chegaram a encontrar o corpo dela», escreveu-me num *e-mail*

---

<sup>1</sup> NdT: Ou Pé Grande.

de resposta, «mas se conseguir que o diário dela seja publicado, talvez seja lido por alguém que a possa ter visto.»

Quando perguntei porquê eu, ele respondeu: «Porque tenho acompanhado os seus artigos sobre o Rainier. Não escreve sobre nada que não tenha primeiro investigado meticulosamente.» Quando lhe perguntei porque é que achava que eu poderia ter algum interesse no Bigfoot, ele respondeu: «Li o seu artigo na *Fangoria*.»

Nitidamente, eu não era o único a saber pesquisar um assunto. De alguma forma, McCray encontrara uma lista muito antiga do meu «Top-5 de Filmes Clássicos do Bigfoot» que elaborei para a icónica revista de terror. Nessa peça, eu falava sobre crescer «no pico da loucura do Bigfoot», desafiando os leitores a verem aqueles filmes antigos «com os olhos de uma criança de seis anos, olhos que saltam constantemente do terror no ecrã para as árvores sombrias e rumorejantes do outro lado da janela».

Ler aquela peça deve ter convencido McCray de que uma parte de mim não estava bem preparada para deixar no passado a minha obsessão de infância. Também deve ter percebido que o meu ceticismo em adulto me obrigaria a examinar meticulosamente a sua história. O que eu fiz. Antes de voltar a contactar McCray, descobri que existira uma comunidade amplamente publicitada chamada Greenloop. Havia imensos artigos na imprensa relativos à sua fundação — e ao seu fundador, Tony Durant. A esposa de Tony, Yvette, também dera várias aulas *online* de ioga e meditação a partir da Casa Comunitária da vila até ao dia da erupção. Mas, naquele dia, tudo parara.

Não se tratou de algo invulgar para as localidades que ficavam no caminho dos deslizamentos de terra ardente do Rainier, mas uma verificação rápida ao mapa oficial da FEMA<sup>2</sup> revelou que Greenloop nunca chegou a ser atingida. E apesar de áreas devastadas como Orting e Puyallup terem acabado por reativar as suas pegadas digitais, Greenloop permaneceu um buraco negro. Não houve relatos na imprensa, nem registos amadores. Nada. Até o Google Earth, tão diligente em atualizar as imagens de satélite da zona, ainda exibe a foto original pré-erupção de Greenloop e área envolvente. Por muito peculiares que possam ser estes alertas, o que por fim me levou de volta a McCray foi o facto de a única referência a Greenloop *após* o desastre que consegui encontrar se tratar de um relatório policial local que indicava que a investigação oficial ainda «permanecia aberta».

---

<sup>2</sup> NdT: FEMA é o acrónimo de Federal Management Agency, ou seja, Agência Federal para a Gestão de Emergências.

«O que é que sabe?», perguntei-lhe ao fim de vários dias de silêncio. Foi então que me enviou uma ligação para um *link* AirDrop de um álbum de fotografias captadas pela *Senior Ranger* Josephine Schell. Schell, que eu mais tarde viria a entrevistar para este projeto, liderara a primeira equipa de busca e salvamento aos destroços carbonizados do que em tempos fora Greenloop. Entre os cadáveres e os escombros, ela descobrira o diário de Kate Holland (nome de solteira McCray) e fotografara todas as páginas antes de o original ser recolhido.

De início, não deixei de suspeitar que seria um embuste. Já tenho idade suficiente para recordar os famosos «Diários de Hitler». No entanto, ao terminar a última página, foi-me impossível não acreditar na sua história. Ainda hoje acredito. Talvez se deva à simplicidade da sua escrita, à ignorância frustrantemente credível de tudo o que se relaciona com o Sasquatch. Ou talvez seja apenas o meu desejo irracional de exonerar o rapazinho assustado que eu era. Foi por isso que publiquei a história de Kate, a par de diversas notícias e entrevistas que espero forneçam contexto aos leitores que não estejam familiarizados com a tradição do Sasquatch. No processo de compilar esta pesquisa, foi um grande esforço perceber o que incluir. Há, literalmente, dezenas de estudiosos, centenas de caçadores e milhares de encontros registados. Passá-los a todos a pente fino poderia ter levado anos, se não décadas, e esta história simplesmente não dispõe desse tipo de tempo. Foi por isso que optei por limitar as minhas entrevistas a duas pessoas com envolvimento direto e pessoal no caso, e as minhas referências a *O Companheiro Sasquatch*, de Steve Morgan. Colegas entusiastas do Bigfoot sem dúvida que reconhecerão o *Companheiro* de Morgan como o guia mais abrangente e atualizado sobre o assunto, combinando relatos históricos, testemunhos de avistamentos recentes e análise científica de peritos como o Dr. Jeff Meldrum, Ian Redmond, Robert Morgan (sem relação) e o falecido Dr. Grover Krantz.

Alguns leitores podem também questionar a minha decisão de omitir determinados pormenores geográficos relativos à localização exata de Greenloop. Isto foi feito para impedir que turistas e saqueadores contamine o que ainda se encontra ativo no local do crime. Com a exceção desses pormenores, e as necessárias correções ortográficas e gramaticais, o diário de Kate Holland permanece intacto. O meu único pesar foi a impossibilidade de entrevistar a psicoterapeuta de Kate (que a encorajara a escrever este diário) devido ao direito da paciente à confidencialidade. E, todavia, o silêncio desta psicoterapeuta parece, pelo menos a mim, uma admissão de

esperança. Afinal, porque é que uma médica haveria de se preocupar com a confidencialidade da sua paciente se não acreditasse que essa paciente ainda se encontra viva?

Na altura em que escrevo isto, Kate está desaparecida há treze meses. Se nada mudar, a data de publicação deste livro pode ver o desaparecimento dela durar vários anos.

De presente, não tenho provas físicas que validem a história que está prestes a ler. Talvez eu tenha sido ludibriado por Frank McCray, ou talvez ambos tenhamos sido ludibriados por Josephine Schell. Vou deixar que seja o leitor a julgar por si se as páginas que se seguem parecem razoavelmente plausíveis, e se, como a mim, voltam a despertar um terror há muito sepultado sob o leito da juventude.



# Capítulo Um

*Entra no bosque para perderes a memória  
dos crimes dos teus contemporâneos.*

— JEAN-JACQUES ROUSSEAU

## ENTRADA DO DIÁRIO # 1

22 DE SETEMBRO

Chegámos! Dois dias a viajar de carro, com uma noite passada em Medford, e finalmente chegámos. E é perfeito. As casas estão mesmo dispostas em círculo. *OK, duh*, mas disse-me para não parar, não editar, não apagar nem voltar para trás. Daí ter encorajado papel e caneta. Sem tecla para recuar. «Não pare de escrever.» *OK*, como queira. Chegámos.

Quem me dera que o Frank pudesse estar aqui. Mal posso esperar para lhe ligar logo à noite. Tenho a certeza de que vai pedir desculpa outra vez por ter ficado retido naquela conferência em Guangzhou e vou dizer-lhe, outra vez, que não tem importância. Ele já fez tanto por nós! Ter a casa pronta, todas as visitas guiadas através do FaceTime. Ele tem razão quando diz que não fazem justiça a este lugar. Em especial, o trilho para caminhadas. Quem me dera que ele tivesse estado cá para aquele primeiro passeio de hoje. Foi pura magia.

O Dan não quis ir. Não surpreende. Disse que ficava para ajudar a desfazer as malas. Ele diz sempre que ajuda. Eu disse-lhe que queria, precisava, de esticar as pernas. Dois dias enfiada no carro! A pior viagem de sempre! Não devia ter vindo o caminho todo a ouvir as notícias. Já sei, «racionar os meus acontecimentos presentes, interiorizar os factos, mas sem obsessões». Tinha razão. Não o devia ter feito. Outra vez a Venezuela, a insurreição das tropas. Refugiados. Mais um barco que naufragou nas Caraíbas. Tantos barcos. Época dos furacões. Pelo menos, foi a rádio. Se não viesse a conduzir, provavelmente teria tentado ver no meu telemóvel.

Já sei. Já sei.

Devíamos pelo menos ter vindo pela estrada da costa, como quando o Dan e eu nos casámos. Eu devia ter feito pressão. Mas o Dan achou que era mais rápido pela 5.

*Ugh.*

Toda aquela horrível indústria agrícola. Todas aquelas pobres vacas apertadas umas contra as outras sob o sol intenso. O cheiro. Sabe bem como sou sensível aos odores. Parecia que ainda o sentia nas minhas roupas, no meu cabelo e nas minhas narinas quando aqui chegámos. Tive de caminhar, sentir o ar puro, exercitar os músculos do pescoço.

Deixei o Dan a tratar lá do que fosse e dirigi-me ao trilho de caminhada assinalado atrás da nossa casa. É bastante acessível, uma inclinação gradual com degraus de madeira largos a cada cem metros. Passa junto à casa da nossa vizinha, e eu vi-a. A velhota. Desculpe, idosa. O cabelo dela era visivelmente grisalho. Curto, calculo. Não deu para perceber pela janela da cozinha. Ela fazia algo em frente à banca. Ergueu os olhos e viu-me. Sorriu e acenou. Também sorri e acenei, mas não parei. Terá sido má educação? Calculei que, tal como para desfazer as malas, teria tempo para conhecer as pessoas. *OK*, se calhar não foi bem isso que pensei. Na realidade, nem sequer pensei. Só queria prosseguir. Senti-me um pouco culpada, mas não durou muito tempo.

O que eu vi...

*OK*, então lembra-se de ter achado que desenhar o esboço deste lugar poderia ajudar a canalizar a minha necessidade de organizar o que me rodeia? Acho que é uma boa ideia e se sair minimamente decente, pode ser que lhe envie por mensagem a imagem digitalizada. Mas de modo algum um desenho, ou sequer fotografia, poderia captar o que vi naquela primeira caminhada.

As cores. Tudo em L.A. é cinzento e castanho. Aquele céu brilhante cinzento e enevado que me fere sempre a vista. As colinas castanhas de erva morta que me faz espirrar e ficar com dores de cabeça. Aqui, é tudo muito verde, tal como lá no Leste. Não. Melhor. Tantos tons. O Frank disse-me que haveria seca por aqui e pareceu-me ver um pouco de erva amarelada ao longo da autoestrada, mas isto parece um arco-íris de verdes — de dourado brilhante a azul-escuro. Os arbustos, as árvores.

As árvores.

Recordo a minha primeira caminhada em L.A. no Temescal Canyon. Aqueles carvalhos baixos cinzentos e retorcidos com as suas pequenas folhas bicudas e finas, e bolotas em forma de balas. Pareciam tão hostis. Soa tremendamente dramático, mas foi o que senti. Como se estivessem zangados por terem de viver naquela terra argilosa quente, dura e poeirenta.

Estas árvores são felizes. Sim, eu disse-o. Porque não haveriam de ser, neste solo rico, macio e humedecido pela chuva? Umas quantas com casca

leve e sarapintada e folhas douradas a tombar. Misturam-se entre os pinheiros altos e imponentes. Alguns, com as suas agulhas de base prateada ou daquelas mais achatadas e macias que roçam em mim ao passar. Colunas reconfortantes que sustentam o céu lá no alto, mais altas do que tudo o que haja em L.A., incluindo aquelas palmeiras magras e vacilantes que me fazem doer o pescoço ao olhar lá para o cimo.

Quantas vezes conversámos sobre o nó logo abaixo da minha orelha direita que se estendia por baixo do meu braço? Desapareceu. Por muito que esticasse o pescoço. Sem dor. E nem sequer tomei nada. Planeava fazê-lo. Até deixei dois *Aleve* à espera no balcão da cozinha para quando regressasse. Desnecessário. Tudo funcionava. O meu pescoço, o meu braço. Descontraída.

Fiquei ali parada uns dez minutos, a ver o Sol brilhar por entre as folhas, a prestar atenção aos raios a reluzir na bruma. Cintilantes. Estendi a mão para apanhar um deles, um pequeno quarto de um disco de calor, afastando a minha tensão. Amparando-me.

O que disse sobre personalidades com POC<sup>3</sup>? Que sentimos grande dificuldade em viver no presente? Não aqui, não agora. Conseguia sentir todos os segundos. Olhos fechados. Respiração profunda e revigorante. O ar aromatizado, húmido e fresco. Vivo. Natural.

Tão diferente da L.A. transplantada com relvados, palmeiras e pessoas a viver da água furtada a alguém. É suposto tratar-se de um deserto, não de um extenso jardim de vaidades. Provavelmente, será por isso que toda a gente se sente miserável. Todos sabem que vivem uma mentira.

Não eu. Já não.

Recordo-me de ter pensado, *Isto não pode melhorar*. Mas melhorou. Abri os olhos e vi a poucos passos um arbusto em tons esmeralda. Não reparara nele antes. Um arbusto com bagas! Pareciam amoras, mas fui confirmar *online*. (Já agora, bela receção *wi-fi*, mesmo tão longe da casa!) Eram mesmo, e que achado afortunado! O Frank dissera algo sobre o facto de a seca deste verão ter eliminado a colheita de amoras silvestres. E, todavia, aqui estava este arbusto, mesmo diante de mim. À minha espera. Recorda-se de me ter dito para ser mais aberta às oportunidades, para prestar atenção aos sinais?

Não interessava que fossem minúsculas e amargas. Na realidade, só as tornava melhores. O sabor fez-me recordar o arbusto de mirtilos atrás

---

<sup>3</sup> NdT: Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

da nossa casa em Columbia<sup>4</sup>. Como me era impossível esperar até agosto quando amadureciam, como eu as comia meio roxas em julho. Todas essas memórias afluíram em torrente, todos esses verões, o pai a ler *Blueberries for Sal* e eu a rir-me quando ela se depara com o urso. Foi quando o meu nariz começou a picar e os cantos dos olhos a humedecer. Eu, provavelmente, ter-me-ia perdido ali mesmo, mas fui literalmente salva por um pequeno pássaro.

Na verdade, por dois. Reparei num par de beija-flores a esvoaçar em redor daquelas altas flores silvestres roxas a brotar numa porção de sol, com ar de ter saído de uma história da Disney. Vi um a parar junto a uma flor e depois o outro pôs-se ao seu lado, acontecendo a situação mais querida. O segundo começou a dar beijinhos ao primeiro, avançando e recuando com as suas penas laranja-acobreadas e pescoço de um vermelho-rosado.

OK, percebo que já deve estar farta de comparações. Desculpe. Mas não consigo deixar de pensar naqueles papagaios. Lembra-se deles? Aqueles de que falámos? Do bando selvagem? Recorda-se de termos passado toda uma sessão a falar de como o grasnar deles me enlouquecia? Lamento não ter dado pela ligação que tentava estabelecer.

Pobrezinhos. Pareciam tão assustados e zangados. E porque não haveriam de estar? O que mais haveriam de sentir se uma pessoa horrível os largou num ambiente que não era o deles? E os filhos deles? Eclodiram com um desconforto perturbador nos seus genes. Todas as células a ansiar por um ambiente que não logravam encontrar. Não pertenciam àquele lugar! Nada pertencia! É difícil perceber-se o que está errado enquanto não se tem a noção do que está certo. Este lugar, com estas árvores saudáveis e avezinhas felizes a trocar beijos. Tudo o que aqui está pertence a este lugar.

Eu pertenço a este lugar.

### **Do programa radiofónico *Marketplace*, da American Public Media. Transcrição da entrevista do apresentador Kai Ryssdal ao fundador da Greenloop, Tony Durant.**

RYSSDAL: Mas porque é que alguém, em especial alguém habituado a uma vida urbana ou até suburbana, optaria por se isolar tão longe num ambiente de natureza selvagem?

TONY: Nós não estamos minimamente isolados. Durante a semana,

---

<sup>4</sup> Kate McCray cresceu em Columbia, no Maryland.

falo com gente de todo o mundo e, ao fim de semana, eu e a minha mulher por norma vamos para Seattle.

RYSSDAL: Mas o tempo que passa a ir de carro para Seattle...

TONY: Não é nada em comparação com as muitas horas que todos os dias as pessoas desperdiçam nos seus carros. Pense no tempo que gasta a conduzir, a ir e a vir do trabalho, ignorando ou irritando-se com a cidade à sua volta. Ao viver no campo, damos valor ao tempo passado na cidade, por ser voluntário e não obrigatório, um mimo e não uma tarefa. O estilo de vida revolucionário de Greenloop permite-nos ter as melhores partes de ambos num estilo de vida ao mesmo tempo urbano e rural.

RYSSDAL: Fale-nos um pouco sobre esse «estilo de vida revolucionário». Da parte em que descreve Greenloop como a nova Levittown.

TONY: E é mesmo. Levittown era o protótipo de prosperidade. Havia todos aqueles soldados a chegarem da Segunda Guerra Mundial, recém-casados, ansiosos por formar família, desejosos de uma casa própria, mas sem os meios para a comprar. Ao mesmo tempo, estava em curso uma revolução fabril, produção otimizada, logística melhorada, partes pré-fabricadas... tudo graças à guerra, mas com um tremendo potencial para tempos de paz. Os Levitts foram os primeiros a reconhecer esse potencial e aplicaram-no na primeira «comunidade planeada» da América. E construíram-na de forma tão rápida e barata que se tornou o modelo para os subúrbios modernos.

RYSSDAL: E está a dizer que esse modelo está esgotado.

TONY: Não sou eu que o digo, todo o país já o reconheceu nos anos sessenta quando percebemos que o nosso padrão de vida nos estava a matar. De que serve todo este progresso se não se pode comer a comida ou respirar o ar ou até viver na terra quando os mares a invadirem? Já há meio século que sabemos que necessitamos de uma solução sustentável. Mas qual? Pôr o relógio a andar para trás? Viver em grutas? Isso era o que defendiam os primeiros ambientalistas ou, pelo menos, o que revelaram. Recorda-se da cena icónica em *Uma Verdade Inconveniente* onde o Al Gore nos mostra uma balança com barras douradas de um lado e a Mãe Terra do outro? Que escolha é essa?

Não pode pedir às pessoas para abdicarem de confortos pessoais e palpáveis a troco de um ideal etéreo. Foi por isso que fracassou o

comunismo. Foi por isso que fracassaram todas aquelas comunidades primitivas e *hippies* de «voltar à terra». Sofrimento altruísta é bom para cruzadas curtas, mas como modo de vida é insustentável.

RYSSDAL: Até ter inventado Greenloop.

TONY: Insisto, eu não inventei nada. Tudo o que fiz foi observar a questão através das lentes dos fracassos do passado.

RYSSDAL: Tem sido crítico de tentativas anteriores...

TONY: Não diria crítico. Não estaria aqui se não fosse por aqueles que vieram antes de mim. Mas olhe para essas ecocidades enormes fundadas por governos, como Masdar<sup>5</sup> ou Dongtan<sup>6</sup>. Demasiado grandes. Demasiado caras. E sem dúvida demasiado ambiciosas para uma América pós-*Sequestration*<sup>7</sup>. Tal como os modelos mais pequenos europeus, como BedZED<sup>8</sup>, ou Sieben Linden<sup>9</sup>, são inviáveis por dependerem de uma austeridade castigadora. Gostei do projeto Dunedin<sup>10</sup> na Florida. É confortável e dá para gerir, mas ali não há um *uau*, e isto...

RYSSDAL: Temos de referir que Tony aponta para as casas e terras em nosso redor.

TONY: Diga-me lá se isto não é a definição de «uau»?

RYSSDAL: É verdadeira a história de que sequestrou um retiro empresarial da Cygnus e que lançou o projeto apenas depois de os ter trazido a pé até aqui acima?

TONY: [*Risos*] Quem me dera. Eles sabiam que estava para breve uma apresentação de vendas e sabiam que tinha algo que ver com uma porção de terra que o governo federal planeava leiloar ao setor privado, mas não deram ouvidos à minha proposta até estarmos... realmente... no preciso local onde nos encontramos agora.

RYSSDAL: Deixou a natureza falar.

TONY: E eu. [*Ambos a rir*] A sério, tal como o Steve Jobs a reger

---

<sup>5</sup> Cidade de Masdar: Projeto de cidade sustentável construído em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos.

<sup>6</sup> Dongtan: Ecocidade planeada para a Ilha de Chongming, em Xangai, na China.

<sup>7</sup> *Sequestration*: Ato de controlo orçamental de austeridade levado a cabo pelo Congresso dos Estados Unidos em 2013.

<sup>8</sup> BedZED: Comunidade sustentável de uma centena de casas concluída em 2002 em Hackbridge, Londres, Reino Unido.

<sup>9</sup> Sieben Linden: Povoação autónoma na Alemanha.

<sup>10</sup> Dunedin: Aldeia de Lares Ecológicos em Dunedin, Florida, EUA.

a orquestra<sup>11</sup>, a minha orquestra é esta terra. Quando aqui se está, cercado por ela, ligado a ela a um nível visceral, percebe-se que essa ligação é a única forma de salvar o nosso planeta. Tem sido desde sempre esse o problema, destruir o mundo natural por nos termos distanciado tanto dele.

Pedi aos meus amigos da Cygnus que imaginassem dois desfechos para esta terra a privatizar em breve. Derrubada por uma empresa madeireira chinesa ou... ou... a pegada mínima de uma micro-ecocomunidade que personifica a nova Revolução Verde. Seis lares, não mais do que isso, a circundar uma casa comunitária na forma de uma tartaruga voltada para cima, o que, segundo as crenças dos nativos-americanos, é a base sobre a qual foi construído o mundo.

Descrevi-lhes como as casas ao estilo Tlingit pareceriam nascer diretamente da floresta.

RYSSDAL: O que é possível testemunhar agora.

TONY: Exatamente, mas o que pode ver é que esses lares são todos construídos com cem por cento de materiais reciclados. Madeira, metal, o isolamento é ganga reciclada. O único material novo é o bambu do chão. O bambu é verdadeiramente importante para o planeta. Por isso é que o vemos crescer por todas as redondezas. Não só é um dos materiais de construção mais versáteis e renováveis de sempre, como também ajuda a isolar o carbono. Também há aquilo a que se pode chamar «elementos passivos», como as janelas gigantes do teto ao chão na sala de estar que permitem que toda a casa seja aquecida ou refrescada subindo ou descendo as cortinas.

Mas os elementos passivos só vão até aí. No que toca a tecnologia ativa verde, temos tudo. Está a ver como os telhados têm esta matiz azul-arroxeadada? São painéis solares. Descascar e colar, como papel de parede à moda antiga, e «junção tripla» para poderem colher todos os fotões num dia nublado. E os amperes convertidos são armazenados na bateria patenteada da Cygnus que não só encaixa de forma invisível na parede, como é treze e meio por cento mais eficaz do que as da concorrência.

RYSSDAL: Embrulha, Elon Musk.

---

<sup>11</sup> Apesar de «Eu rejeito a orquestra» ter sido proferido por Michael Fassbender e escrito por Aaron Sorkin para o filme de 2015 *Steve Jobs*, não é possível confirmar se o próprio Jobs alguma vez proferiu tal frase.

TONY: Não, não, eu adoro o Elon, é bom tipo, mas tem de se atualizar numas coisas.

RYSSDAL: Como o programa solar lucrativo?

TONY: Exatamente. Se se colhe mais energia do que é necessário, porque não poder vender de volta para a rede de distribuição elétrica? E não me refiro a um desconto como em alguns estados, refiro-me a vender, a troco de dinheiro, tal como os alemães o fazem há quase duas décadas. Não se trata de tecnologia, apenas de bom negócio, fazer dinheiro sem levantar o traseiro.

RYSSDAL: E por falar em não levantar o traseiro...

TONY: Já lá ia chegar. As casas não se limitam a colher luz solar, também recolhem gás metano do, veja lá bem esta, seu próprio cocó. Uma vez mais, nada de novo. O biogás já é utilizado em países em desenvolvimento há anos. Até algumas cidades americanas estão a fazer despejos para depósitos dos seus próprios aterros. Greenloop pegou em toda essa experiência conquistada a pulso para a elevar aos padrões dos subúrbios americanos. Cada casa é construída com um gerador a biogás que decompõe o que manda pela sanita. Mas não o vê, nem cheira, nem sequer pensa nele. Tudo é regulado pelo sistema «casa inteligente» da Cygnus.

RYSSDAL: Pode falar um pouco desse sistema?

TONY: Uma vez mais, nada de novo. Imensas casas estão a tornar-se mais inteligentes. As de Greenloop simplesmente chegaram lá mais depressa. O programa central do lar é ativado tanto por voz como de forma remota, e sempre de olho na eficácia energética. Está sempre a pensar, a calcular, sempre a garantir que não é desperdiçado um ampere ou um Btu. Todas as divisões estão dotadas de sensores térmicos e de movimento. Na posição de maior eficácia, desligam automaticamente todas as luzes e o aquecimento de todos os espaços desocupados. E não é necessário fazer-se nada mais do que viver como sempre se viveu. Não é necessário sacrificar nenhum conforto ou tempo.

RYSSDAL: E isso remete para o mesmo desejo político que permitiu ao estado de Washington alterar a sua política energética solar.

TONY: E aplicar metade do dinheiro para a sua construção e construir a estrada privativa desde a autoestrada principal, e estender todos aqueles quilómetros de tubos de fibra ótica.

RYSSDAL. Empregos verdes.



TONY: Empregos verdes. Quem mantém toda aquela eletrônica sofisticada a funcionar? Quem limpa os painéis solares? Quem limpa os desperdícios usados naqueles geradores de biogás, carregando-o a par do lixo, da reciclagem e dos restos da cozinha, para trazer esses desperdícios orgânicos em forma de adubo para ser espalhado em volta das árvores de fruto?

Sabia que cada cidadão de Greenloop gera entre dois a quatro empregos de serviços para os seus compatriotas? Todos transportados em carrinhas elétricas que carregam na Casa Comunitária. E esse é apenas o setor dos serviços. E o que dizer de construir efetivamente aqueles painéis solares e geradores de biogás e baterias de parede? Indústria. *Made in América*. É a Revolução Verde, o New Deal Verde, e aquilo a que se chama agora Sociedade Verde Verde. Greenloop mostra o que é possível, tal como o fez antes Levittown.

RYSSDAL: Mas não podemos ignorar que Levittown tinha uma política de segregação racial.

TONY: Não, não podemos ignorá-lo. Na realidade, é precisamente aí que eu quero chegar. Levittown era exclusiva; Greenloop é inclusiva. Levittown queria dividir as pessoas. Greenloop quer uni-las. Levittown queria separar seres humanos do mundo natural. Greenloop quer reintroduzi-los lá.

RYSSDAL: Mas a maioria das pessoas não tem meios para viver neste tipo de comunidade.

TONY: Não, mas podem ser donos de um pedaço. Levittown era isso mesmo, não somente exibir as casas, mas todas as comodidades lá existentes: máquinas da louça automáticas, máquinas da roupa, televisão. Todo um modo de vida. É isso que estamos a tentar fazer com a Greentech, e no que toca a energia solar e lares inteligentes já está a acontecer. Mas se conseguirmos reunir todas essas ideias para salvar o planeta literalmente sob o mesmo teto, e plantar as Greenloops suficientes por todo o país para que essas ideias se tornem acessíveis à população em geral, então teremos finalmente a nossa Revolução Verde. Fim dos sacrifícios, fim do sentimento de culpa. Fim do conflito entre lucro e planeta. Os americanos podem dispor de tudo isso, e o que é mais americano do que dispor de tudo?

## Capítulo Dois

*Felicidade: uma boa conta bancária,  
uma boa cozinheira e uma boa digestão.*

— JEAN-JACQUES ROUSSEAU

### ENTRADA DO DIÁRIO # 2

23 DE SETEMBRO

Na noite passada, fomos convidados para uma «festa de boas-vindas» na Casa Comunitária.

Percebo agora que não expliquei como era o edifício. Desculpe, é tal como qualquer espaço partilhado planeado de uma associação de proprietários de uma comunidade e a sua disposição é a de uma tradicional *longhouse* do Noroeste do Pacífico. Na noite passada procurei «longhouse» no Google. As imagens eram praticamente idênticas à desta estrutura. Tem um espaço grande multiusos com casa de banho e *kitchenette* de um dos lados e uma lareira acolhedora empedrada do outro. Aquele fogo projetava um brilho lindo, misturado com as velas de pinho e a luz natural do anoitecer. A Casa Comunitária estende-se de leste para oeste, pelo que nos bastou deixar as grandes portas duplas abertas para aquela vista espetacular do pôr do Sol. Surpreende-me estar tão agradável, não estando sem dúvida mais frio do que as noites de L.A.

Um cenário idílico, e a *comida!* Salada negra de edamame amanteigada, quinoa com vegetais grelhados e salmão saído diretamente dos rios vizinhos! Começámos com um fantástico prato de sopa: *soba* vegetal preparada pelos Boothes. Vivem duas casas à esquerda da nossa. Amantes de pratos *vegan*. Eles *fizeram* efetivamente a sopa, não se limitaram a misturar e cozinhar. Os *noodles* de *soba* foram feitos do zero. Ingredientes crus entregues frescos nesse próprio dia. Comi imensa *soba* desde que mudei para L.A. Até a comi no Nobu, onde o Dan e os seus antigos sócios quiseram celebrar o lançamento da empresa deles, e tenho a certeza de que não se equiparava a esta.

«Feito com as nossas próprias mãos.» É o que diz o Vincent. Gosto dele, e da mulher dele, a Bobbi. Estão na casa dos sessenta, ambos baixos e felizes e com o ar típico de tio e tia.

Também não se revelaram críticos em relação àqueles de entre nós que não são *vegan*. Será que isso me soa crítico? Sabe ao que me refiro: a todos os *vegan* de Venice, em especial os recentes. O modo como olhavam para os sapatos de pele do Dan ou para a minha blusa de seda ou como um deles apelidou de prisão um aquário. A sério, estávamos na casa de alguém para uma festa e um tipo passou-se por completo com eles por causa do lago *koi*. «Iam gostar de estar presos numa bolha de ar no fundo do mar!» Os Boothes não eram nada assim. Eram muito simpáticos. E o Dan *adorou* a prenda deles de boas-vindas.

Imagine um *T* de pernas para o ar todo em aço que se agarra na palma da mão. O pescoço do *T* estende-se por entre os seus dedos, uma colher comprida e estreita a afunilar numa ponta afiada. A Bobbi explicou que se tratava de um abre-cocos, especificamente para espetar nos «poros». Assim se chamam aqueles buracos negros tapados. Não fazia ideia. Também não fazia ideia de que a água de coco é o melhor hidratante natural do mundo. O Vincent explicou que é parecido com o líquido existente no interior das nossas células sanguíneas. A Bobbi brincou dizendo: «Não é que precisemos de transfusões de sangue caseiras», mas mostrou-se séria ao explicar os benefícios da água de coco numa caminhada. Eles vão caminhar todas as manhãs e passam por montes de cocos no verão.

«E acho que também dá para espetar e arrancar o olho a alguém», acrescentou a Bobbi, olhando para o Dan. Ele tinha o abre-cocos na mão e espetava o ar. Parecia ter uns doze anos e também falava como se os tivesse. «Meu, isto é doentio! Obrigado!»

Penso que naquele momento deveria ter-me sentido envergonhada, mas os Boothes sorriram-lhe como se fossem uns pais orgulhosos.

Também estavam lá pais verdadeiros. A família Perkins-Forster. Só cá viviam há uns meses e eram as penúltimas residentes antes de nós.

A Carmen Perkins é... Não sei ao certo se tem fobia a germes, quer dizer, acabei de a conhecer. Mas o desinfetante para as mãos. Usá-lo logo a seguir a apertar-nos a mão, assegurando-se de que a filha fazia o mesmo, oferecendo-o a toda a gente. Mas é muito simpática. Não se calava a dizer como era maravilhoso que nós, o Dan e eu, «completássemos o círculo». Ela era psicóloga de crianças. Escreveu um livro sobre ensino em casa na era digital a par da mulher, Effie. A Carmen estava sempre a chamar-lhe «Euphemia».

A Effie também era psicóloga de crianças. Pelo menos, foi assim que a Carmen a apresentou. «Bem, tecnicamente não sou licenciada...», ia dizer

a Effie, mas a Carmen interrompeu-a pousando-lhe uma mão no braço. «Ela está a trabalhar na licenciatura dela e já é bem mais inteligente do que eu», disse, o que levou a Effie a corar um pouco.

Não sei se a Effie é fisicamente mais pequena do que a Carmen, mas a sua postura leva a que assim pareça. Ombros encolhidos. Voz suave. Pouco contacto visual. Num par de vezes, antes de responder a uma das nossas perguntas, espreitou rapidamente para a Carmen. A pedir autorização? Um par de vezes depois. Aprovação?

Effie também despendeu imenso tempo e atenção com a Palomino, a filha delas. O nome, segundo a Carmen, é um «substituto», que lhe atribuíram durante a adoção. Pressenti que estavam um pouco na defensiva, em especial quando explicou que um nome «substituto» era algo que a Palomino podia alterar se encontrasse outro que apreciasse mais. A Carmen explicou que quando a conheceram num orfanato no Bangladesh, ela agarrava um livro sobre cavalos gasto e rasgado. Tentei falar com ela sobre cavalos e o Dan perguntou-lhe se gostava de viver aqui. Nenhum de nós obteve resposta.

Sabe aquela fotografia famosa da rapariga afegã de olhos verdes da *National Geographic*? Os olhos da Palomino eram castanhos, mas revelavam a mesma expressão de apreensão. Ela limitou-se a fitar-nos com aqueles olhos e nada disse por um segundo, para a seguir regressar ao objeto onde desanuviava a inquietação, um pequeno saquinho caseiro repleto de feijões. A Effie abraçou-a e começou a pedir desculpa. «Ela é um bocado tímida.»

A Carmen interrompeu-a dizendo: «E não lhe cabe a ela agradar-nos com conversas.» E prosseguiu, dizendo-nos que o livro era um dos seus únicos bens, isso e um naco de pão num saco de plástico. Quando a conheceram, ela não sabia quando voltaria a comer. A Effie sacudiu a cabeça, voltando a abraçar a rapariga, e disse que estivera muito malnutrida, com falta de vitaminas, feridas na boca, raquitismo. Começou a falar sobre o que sofreu o povo dela, a minoria «Rohingya» (que mais tarde terei de procurar no Google), nas mãos do governo de Myanmar. Carmen brindou-a com mais um olhar silenciador e disse: «Mas não precisamos de lhe despertar essas memórias. O que interessa é que agora está a salvo, é saudável e amada.»

Aquilo incitou o Alex Reinhardt a comentar o estado deplorável de muitas minorias étnicas no Sul da Ásia. Alguma vez ouviu falar do Dr. Reinhardt? Parece o autor de *A Guerra dos Tronos*, sem o chapéu de

pescador grego. Mas usa uma boina, o que, calculo, seja algo a que tenha direito. Ouvi o nome dele a ser citado umas poucas vezes na escola, vi os seus livros anunciados na Amazon. Acho que terei apanhado a parte final da TED Talk que alguém ia a ver num avião ao meu lado.

Acho que ele é assim para o importante. O livro dele *Os Filhos de Rousseau* aparentemente foi «revolucionário». Foi a palavra usada pelo Tony Durant. Ao ouvir aquilo, o Reinhardt encolheu ao de leve os ombros, quase embaraçado, mas prosseguiu a descrição de como o livro basicamente o colocara no foco da academia.

Espero descrever isto bem. Vou tentar relacionar comigo o que ele escreveu. Jean-Jacques Rousseau — não confundir com Henry David Thoreau, como fez o Dan naquela noite — era um filósofo francês do século XVIII. Acreditava que os primeiros humanos eram essencialmente bons, mas quando a Humanidade começou a urbanizar-se, separando-se da Natureza, separou-se também da sua própria natureza. Nas palavras de Reinhardt, as «doenças de hoje podem todas ser seguidas até à corrupção da civilização». Em *Os Filhos de Rousseau*, Reinhardt provou que ele estava certo ao estudar os caçadores-recoletores King San do deserto africano de Kalahari. «Eles não tiveram qualquer dos problemas», disse ele, «que atormenta as sociedades ditas avançadas. Nada de crimes, vícios, guerra. São a corporização da tese de Rousseau.»

«E, ao contrário do ideal de Rousseau, as mulheres não são reduzidas ao papel de escravas sexuais virtuosas numa sociedade dominada pelo homem.» Foi a Carmen quem o disse. Disse-o de forma simpática, sorrindo, mas com um revirar de olhos sarcástico. A Effie desatou aos risinhos ao ouvir aquilo e o Reinhardt, deitando a mão a mais uma porção de quinoa, pareceu ter estado a preparar uma reação menos amigável.

«O Rousseau era humano», disse o Tony, «mas influenciou inúmeras gerações em inúmeros campos, incluindo Maria Montessori.» Aquilo suavizou a situação, aquilo e o seu sorriso inacreditável. Os olhos dele. Voltaram-se para mim e até senti um formigueiro nos antebraços.

«Aqui o Alex», disse o Tony, tocando no copo de Reinhardt com o seu, «foi a inspiração espiritual de Greenloop. Quando li *Os Filhos de Rousseau*, o livro codificou a minha visão para alojamento sustentável. A mãe natureza mantém-nos honestos, lembra-nos quem é suposto sermos.» Ao escutar aquilo, Yvette, a mulher dele, enfiou uma mão em volta do seu braço e suspirou suavemente de orgulho.

Os Durants.

Oh, meu Deus... ou Deuses!

É ridículo como são belos. E intimidantes! A Yvette — tem todo o ar de uma Yvette — é angelical. Sem idade. Trinta? Cinquenta? É alta e elegante, e podia ter saído diretamente de um exemplar da *Harper's Bazaar*. O cabelo louro cor de mel, a pele imaculada, os olhos castanho-esverdeados. Não a deveria ter procurado previamente no Google. Só piorou as coisas. Afinal, ela chegou a ser modelo. Um par de revistas mais antigas chamadas *Cargo* e *Lucky*. Bate certo. Todas aquelas imagens loucas tipo conto de fadas dela em Aruba e na Costa de Amalfi. Ninguém merece ter tão bom aspeto em biquíni. E ninguém que tivesse, que tenha, aquele aspeto tão fabuloso deveria ser assim tão simpática.

Foi ela a primeira a convidar-nos para jantar. Logo depois de eu ter regressado da minha caminhada, toda transpirada e desalinhada, com o Dan a dormir no sofá e caixas de tralha por todo o lado, a campainha soou e ali estava aquela ninfa encantadora e fulgurante. Acho que terei dito algo eloquente como «um-uh» antes de ela me dar um grande abraço de boas-vindas (para o qual teve de se baixar) e nos dizer como se sentia feliz por termos escolhido Greenloop.

Como se o seu ligeiro sotaque inglês de classe alta não a levasse já a soar como um génio, ela está também a tirar um doutoramento em terapia de doenças psicossomáticas. Não sei quem é o Dr. Andrew Weil (mais uma coisa que vou ter de procurar), mas ela era a protegida dele e convidou-me para assistir à sua aula diária de «ioga de saúde integrativa» que, naturalmente, tem exércitos de visualizações de assinantes por dia.

Linda, brilhante e generosa. Presenteou-nos com uma oferta de boas-vindas chamada «luz de felicidade», utilizada para estimular o espectro exato de sol para dissipar a perturbação afetiva sazonal. Aposto que ela não precisa, seja para depressão seja para manter o seu bronzado geral imaculado.

O Tony brincou dizendo que não necessitava de um, porque a Yvette era a sua luz de felicidade.

O Tony.

OK, é suposto ser sincera. Certo? Foi o que me disse. Ninguém além de nós as duas irá ler isto. Nada de barreiras. Nada de mentiras. Nada, a não ser o que penso e sinto no momento.

O Tony.

Ele é sem dúvida mais velho. Na casa dos cinquenta, talvez, mas naquele género de estrela de cinema dura e mais velha. O Dan falou-me a

certa altura de um livro de *comics* antigo — *G.I. Joe?* — onde os mauzões retiram ADN de todos os ditadores da história para criar o supervilão perfeito. É a modos que o oposto do que sinto que fizeram com o Tony, só que com a pele do Clooney, os lábios do Pitt. *OK*, talvez a linha de cabelo do Sean Connery, mas isso nunca me incomodou; ora bem, eu tolero o rabo de cavalo do Dan. E aqueles braços, de certo modo fizeram-me lembrar aquele tipo de quem o Frank tinha um póster no quarto. Henry Rollins? Não tão grande e musculado, mas vincado e torneado. Quando estendeu a mão para cumprimentar o Dan, vi os músculos a retesarem-se sob as tatuagens. Era como se estivessem vivos, aqueles traços tribais e caracteres asiáticos. Tudo no Tony estava vivo. *OK*. Sinceridade. Fez-me lembrar o Dan. Como ele era. Enérgico, envolvido. Como ele sem esforço punha ordem numa sala, qualquer sala. Aquele discurso que fez à nossa turma de finalistas. «Não temos de estar a postos para o mundo. É bom que o mundo esteja a postos para nós!» Oito anos? Foi assim há tanto tempo?

Tentei não fazer comparações, ali sentada à mesa junto a quem ele se tornara, em frente a quem pensara que se tornaria.

O Dan.

Ao escrever agora isto, sinto-me culpada pela escassa atenção que lhe prestei durante o jantar e como nem sequer por reflexo lhe dei a mão quando o chão começou a tremer.

Tratou-se de uma ligeira sacudidela. Os copos retiniram, a minha cadeira balançou.

Ao que parece, no último ano andava a acontecer de vez em quando. Apenas um ligeiro tremor que disseram vir do Monte Rainier. Nada de preocupante. Os vulcões fazem-no. Recordou-me o nosso primeiro mês em Venice Beach, quando a cama começou a rolar, não a tremer, a rolar como um navio em mar revolto. Já ouvira falar da Falha de Santo André, mas não sabia de todas as minifalhas entrecruzadas por baixo de L.A. Percebo porque é que tanta gente do Leste não sobrevive ao seu primeiro tremor de terra. Se o Dan não fosse tão obcecado pela «Silicon Beach», eu teria feito logo as malas. Ainda bem que fiquei, ainda bem que percebi a enorme diferença entre umas quantas sacudidelas e o suposto Grandalhão. Aquele pequeno tremor em Greenloop, menos do que um camião a passar, recordou-me o que a doutora disse sobre a diferença entre negação e fobia.

Negação é uma rejeição irracional do perigo.

Fobia é o medo irracional de algo.

Ainda bem que na altura fui racional, em especial quando toda a gente

não pareceu interessar-se. A Yvette até mostrou um sorriso compreensivo e disse: «Que injustiça trocar os tremores de terra da Califórnia por isto.»

Todos nos rimos, até se dar o tremor seguinte — o humano!

Foi quando apareceu a Mostar.

A velhota que eu vira mais cedo à janela. Nem menina, nem senhora, ou Mostar qualquer coisa. Simplesmente, «Muh-star». Apareceu mais tarde, desculpando-se por se ter distraído «na oficina» e ter necessitado de mais algum tempo para deixar arrefecer a tulumba. Assim se chamava a sobremesa dela. Tulumba. Um grande prato do que pareciam ser churros cortados sob uma cobertura de geleia. Já tínhamos comido a sobremesa. Os Durants trouxeram-nas com o salmão: umas fatias de maçã acabadas de sair da macieira deles com pingos de mel e gelado artesanal sem glúten com frutos vermelhos locais. Estava ansiosa por compará-la com a minha dose noturna de *Halo*, em especial depois de todos me terem avisado de como era bom. A Mostar não deve ter recebido a mensagem. Ou não quis saber? O Dan não se importou que houvesse mais sobremesa. Lançou-se às tulumbas. Deve ter comido quantas, cinco? Seis? A mastigar e a gemer a cada uma. Que nojo.

Educadamente, peguei numa. Já sentia o cheiro à massa frita. Nem quero pensar na quantidade de calorias. Se calhar foi por isso que mais ninguém lhes pegou. Os Boothes comentaram algo sobre manteiga animal. Se calhar foi por isso que mais ninguém se serviu. As Perkins-Forsters mencionaram a alergia da Palomino ao glúten. Foi um pouco descortês da parte da Mostar fazer aquilo. Ela já devia estar a par de todas as restrições dietéticas. Terá sido por isso, também, que o Reinhardt só se serviu de uma. Eu não estava à espera daquilo, tendo em conta o aspeto dele. Desculpe. *Body shaming*. Mas, a sério, tendo em conta o modo como se atirou a tudo o mais, achei que se juntaria ao Dan a enfiar tudo pela goela abaixo. Em vez disso, mordiscou apenas a beira de uma. Educado e reservado. Sentiu-se a temperatura da sala a cair.

«Comam.» A Mostar instalou-se ao fundo da mesa. «Vamos lá, toca a pôr carne nesses ossos.» Ela é a típica avozinha à moda antiga, até no sotaque estrangeiro. O que era aquilo? Russo? Israelita? Um monte de «r» enrolados.

Ela é mesmo baixa, mais baixa do que a senhora Boothe, que penso que me chegará apenas à testa. Talvez um metro e meio, ou menos? E a constituição de um barril, como se alguém enfiasse um vestido num barril de cerveja. A sua pele morena é enrugada, em especial em redor dos olhos.



Enrugada e escura. Tipo um guaxinim, como se não tivesse dormido ao longo de um ano. Estou a ser mazinha? Não quero ser mazinha. Trata-se apenas de um comentário. Mas os seus olhos eram bonitos. Azul-claros realçados pelas olheiras. O seu cabelo era grisalho, não cinzento ou branco, e estava preso atrás num coque.

Toda a sua energia era bastante diferente da dos restantes. Como se a vibração da maioria dos presentes na sala fosse traçada em linhas lentas e onduladas, ela tinha um balançar intenso e penetrante. Oh, meu Deus, passei demasiado tempo no Sul da Califórnia.

Mas, a sério, tudo nela era duro, o modo como se movia, o modo como falava. Não desviava os olhos de mim, observando-me a depenicar a sua sobremesa. Todos os outros olhavam para mim. Senti-me um pouco desconfortável, como se o meu modo de reagir à tulumba dela de algum modo tivesse um significado mais profundo. Sei que estou a ser demasiado interpretativa. Disse-me para confiar nos meus instintos, mas, a sério, comecei a sentir-me tão incomodada que até perdi o apetite.

O Tony deve ter reparado, Deus o abençoe, porque se lançou para me resgatar com uma apresentação em grande da Mostar. «Temos imensa sorte», disse ele, «por termos aqui a residir uma artista de renome mundial.» O vidro é o material dela e há anos que o esculpe. Foi onde ele a conheceu, numa exposição no Chihuly Garden and Glass, em Seattle. A Yvette acrescentou que ia a caminho para dar uma aula de «ioga cristal» quando calharam de ver a exposição dela. Sem se deter, o Tony prosseguiu o relato explicando que propusera uma «colaboração épica» entre os dois: um modelo à escala natural da terra natal dela, fosse qual fosse, que seria impressa completamente em 3-D.

É algo importante para a Cygnus, aperfeiçoar uma tecnologia de vidro 3-D que está «milhas à frente de Karlsruhe<sup>12</sup>». Achei que esta conversa me ia aborrecer. A fase universitária do Dan ensinou-me mais do que o suficiente sobre impressão 3-D. Mas foi difícil de resistir ao entusiasmo do Tony, pelo modo como referiu que o projeto da Mostar era «uma vitória inovadora para toda a gente». A Cygnus exhibe o seu novo grande avanço, a Mostar vai viver no paraíso sem pagar renda e o mundo acabará por se aproximar mais de ver um pedaço de história ressuscitado.

«Que é o tema do meu novo livro», intrometeu-se o Reinhardt, «conflitos de recursos nos anos noventa.»

---

<sup>12</sup> O Instituto Tecnológico de Karlsruhe foi pioneiro no processo de impressão de vidro 3-D, embutindo uma base de silício com nanopartículas de polímero.

Conflitos de recursos?

Eu não estava convencida de esse assunto encaixar no que discutíamos, nem da necessidade de a terra natal da Mostar ser «ressuscitada». Também não estava certa se seria apropriado para a mesa de jantar aprofundar demasiado o tema. Não queria despertar a Palomino. Enquanto me debatia sobre o rumo a seguir, a Mostar tratou do assunto acenando com a mão ao Reinhardt. «Oh, estes jovens simpáticos não querem ouvir nada disso.»

A seguir, voltou-se para mim e perguntou: «E então, como é que vieste cá parar?»

Aquilo deixou-me um pouco nervosa, retesando ligeiramente os músculos do maxilar. Pensei que se conseguisse distraí-la com a minha história, ela não perguntaria pelo Dan. Tentei falar do meu trabalho, mas foi tão aborrecido. Não, não estou a rebaixar-me outra vez. Gosto do que faço e sei que sou boa nisso, mas quem quer ouvir falar de uma contabilista certificada de uma empresa de gestão de bens em Century City? Tentei focar-me mais na minha ligação a este lugar. Toda a gente conhecia e adorava o Frank, e o senhor Boothe (que trabalhava com ele) disse-me que fora ele a encorajar o Frank e o Gary a mudarem-se para cá quando o sítio estava em construção. A Bobbi abanou pesarosamente a cabeça ao dizer: «É uma pena que não tenha dado certo com eles.» Mas a Yvette acrescentou, toda contente: «Mas contamos contigo na separação consciente.»

Aquilo voltou a animar o ambiente, até a Mostar o arruinar. Acho que não a posso censurar. Ora bem, quem é que não perguntaria? Ela não sabia. Ninguém sabia. «E o que é que tu fazes?»

Senti um aperto nas entranhas quando se virou para o Dan. As palavras pareceram sair em câmara lenta.

«E-o-que-é-que-tu-fazes?»

O Dan limitou-se a erguer os olhos do prato, com aquele olhar semi-cerrado de quem lambeu um limão. Contou que era «empreendedor no espaço digital». Aquilo por norma salvava-nos em L.A., provavelmente por todos, na verdade, só quererem saber de si próprios. Mesmo aqui, toda a gente se limitou a assentir com a cabeça e pareceu prestes a seguir em frente, mas...

«Então, não tens emprego.»

Abateu-se o silêncio sobre a sala. Dava para sentir a pele no meu rosto. O que se há de dizer? O que se há de responder?

Abençoado sejas, Tony Durant.

«O Dan é um artista, Mosty, basicamente como tu e eu.» Sorriu, dando

toquezinhos na têmpera. «Grande parte do nosso processo tem lugar aqui, sem ser visto, sem hora marcada e, sem dúvida, sem ser pago!»

A Carmen intrometeu-se, dizendo: « s paga pelas esculturas antes de serem feitas?», o que conquistou um aceno e um débil «pois»   sua mulher.

«Há trabalho pago e há trabalho em projeto.» O Vincent encolheu os ombros, o que incitou o Reinhardt a referir como os europeus tinham um sentido de identidade muito mais equilibrado do que os americanos. «Do outro lado do mar, não somos apenas aquilo que fazemos.» Foi um bocado confuso, tendo em conta que ele o dizia a um europeu (acho), mas na verdade eu não quis saber. Senti-me profundamente grata por ter aparecido para salvar o momento. Talvez um pouquinho de mais, porque o Tony regressou a uma postura mais neutra. «A Mosty está apenas a tentar compreender a jornada do Dan, são que no seu modo muito peculiar.»

E quando acrescentou: «E ela   bastante peculiar», os risinhos na sala passaram a gargalhadas. Até a Mostar pareceu alinhar, sorrindo ao erguer as mãos num gesto de «apanharam-me». Não pareceu minimamente incomodada. Sem qualquer aliado na sala e ainda assim parecia perfeitamente na boa com a situa o. Eu teria ficado mortificada.

Não que sentisse pena dela, em especial depois de ter olhado demoradamente de esguelha para o Dan assim que nos despedimos. Tratou-se mais de um sorriso malicioso, tipo «Já te tirei a pinta». Tenho a certeza de que foi por causa disso que não consegui dormir na noite passada. Tentei convencer-me a ler em vez de voltar a ver *A Princesa Prometida*. Sempre adorei esse filme. Vale a luz de redu o de melatonina do ecrã. Necessitava da familiaridade, do conforto.

Sinto...

Desejo...

Mal posso esperar pela nossa sessão de *Skype* da próxima semana. Talvez lhe ligue para ver se podemos avançar. Estou mesmo a precisar. Em especial, depois do que aconteceu hoje.

Eu e o Dan não conversámos sobre o que se passou ao jantar. Porque haver mos de o fazer? Quando   que foi a última vez em que efetivamente conversámos sobre algo? Percebi que ele estava incomodado. D  sempre para perceber pela hora a que se deita. Se se deita cerca de uma hora depois de mim, está melindrado. Se   a meio da noite, há mesmo algo a deixá-lo em pulgas. Se dou com ele de manhã a dormir com o *iPad* pousado na barriga...

Ele está lá agora. Acordado, mas sem me ajudar. Acho que me ouve a

desempacotar as coisas no andar de cima. Estive a remontar as estantes. São três, duas grandes e uma à altura da cintura, com longas hastes de apoio em aço. São pesadas e ruidosas. Deve ter-me ouvido a martelar para as unir. Se calhar não, com a música. Já referi que é possível sincronizar quartos diferentes com aparelhos diferentes? Calculo que sirva para proporcionar a toda a gente o seu espaço pessoal, mas tendo em conta que o Dan reivindicou a sala de estar e aqueles são os altifalantes maiores...

Ouçó através da porta. O seu ciclo de temas do início dos anos noventa. Caramba, *Black Hole Sun*.

Uau, estou mesmo zangada. Não é habitual sentir-me assim. Não gosto. Talvez uma caminhada mais logo, a percorrer o trilho, me clareie a cabeça. Preciso. O nó está de volta.

### **Da minha entrevista com Frank McCray, Jr.**

*O irmão de Kate Holland envelheceu bastante em relação às fotos nas redes sociais captadas cerca de um ano antes. As suas feições de querubim estreitaram, o cabelo tornou-se mais ralo e cinzento. O antigo advogado da Cygnus é intenso, impaciente, com um meio-tom de raiva contida por detrás de cada palavra. Quando estende a mão direita para o cumprimento, reparo que a outra está pousada sobre um revólver Smith & Wesson 500 que mantém num coldre.*

*Encontramo-nos no seu «acampamento temporário», uma autocaravana estacionada na ponta de uma estrada pavimentada na base da Cascade Range. Antes de o conhecer pessoalmente, avisou-me de que não haveria muito tempo para conversar. Recordo-me disso uma vez mais enquanto me convida a entrar. Apesar de arrumada, limpa e meticulosamente organizada, a cabina da viatura está pejada de equipamento até ao teto. Vejo material de campismo, comida liofilizada, a caixa de plástico dura e preta de uma arma de mira bastante cara, e várias caixas de diversos tipos de munições para armas de fogo.*

*McCray encaminha-me para um banco estreito do pequeno espaço de refeições e senta-se diante de mim, junto a uma mochila grande e a uma espingarda de caça guardada no seu estojo. Entre nós está um pequeno fogão de campismo BioLite já bastante usado, daqueles que usam termodinâmica para carregar dispositivos pessoais. McCray retira um lenço manchado do bolso da sua camisa de flanela axadrezada e continua a limpar o forno. Um*

*vento norte frio sacode a caravana, um aviso para os meses de inverno que se avizinham.*

*Antes de eu ter a possibilidade de fazer a primeira pergunta, ele arranca:*

O que lhes aconteceu é culpa minha. Não me refiro, naturalmente, ao vulcão, ou ao modo como conduziu aquelas criaturas na direção deles. Não criei a situação. Simplesmente, deixei-os no meio dela. «Oh, não, é um favor que me fazes, por favor. Não posso vender a casa até o mercado recuperar. Por favor, vem tomar conta dela por uns tempos. Há lá demasiadas recordações para poder lá viver. Juro-te que vais adorar.»

Era eu, sempre a pressionar, sempre a achar que sabia tudo. Fui tão orgulhoso que a levei a ter de recorrer a terapia, e logo quando ela estava a mostrar progressos. A necessidade que ela tinha de apoio, o medo de ser abandonada. Acho que, com um pouco mais de tempo, poderia ter ficado pronta a admitir que culpava a mãe e o pai por nos abandonarem, e como essa culpa a impedia de dar uma hipótese ao Dan. Só um pouco mais de tempo. Mas, depois, eu e o Gary separámo-nos e a casa precisava de um ocupante, e pensei... *pensei...* se a conseguisse fazer aproximar um pouco mais da verdade, aplicar um pouco mais de pressão...

*Cospe para o lenço e ataca uma mancha particularmente teimosa.*

Quer dizer... mesmo que ela na altura me culpasse, mais tarde sem dúvida que me agradeceria, depois de, de uma maneira ou de outra, tudo resultar...

*A caravana abana ao sabor do vento.*

Achei que tinha todas as respostas.